



## Uma breve história do Diabo

### A brief history of the Devil

Patrícia Leonor Martins<sup>1</sup>

**Resumo:** A Bíblia, como livro sagrado cristão, constitui-se em uma fonte rica para que possamos entender as origens do Diabo e tentar compreender essa personagem que tanto tem influenciado autores ao longo dos séculos. O artigo se propõe apresentar uma breve contextualização sobre o texto bíblico como literatura e em seguida faz-se uma breve contextualização da história do diabo na literatura, tendo como base teóricos com Robert Muchembled, Giovanni Papini, Henry Ansgar Kelly, Salma Ferraz, entre outros.

**Palavra-chave:** Diabo; Lúcifer; Literatura; Bíblia; Teoliteratura.

**Abstract:** The Bible, as a Christian holy book, is a rich source for us to understand the origins of the Devil and to try to understand this character that has so influenced authors for centuries. The article proposes to present a brief contextualization about the biblical text as literature and then gives a brief contextualization of the history of the devil in the literature, having as theoretical basis Robert Muchembled, Giovanni Papini, Henry Ansgar Kelly, Salma Ferraz, among others.

**Keywords:** Devil; Lucifer; Literature; Bible; Theoliterature.

## Teologia e Literatura

“[...] onde quer que haja Teologia, o Diabo também deve entrar no quadro, preservando sua autenticidade complementar a de Deus.”

Thomas Mann, Dr. Fausto (1984).

Os estudos acadêmicos que buscam relacionar Teologia e Literatura estão se tornando cada vez mais frequentes nos meios acadêmicos, os quais consideraram a Bíblia como uma vasta e complexa obra literária, e Deus, Jesus, e o Diabo tornaram-se personagens centrais dessa obra. Como aponta Ferraz (2006, p.238):

O cristianismo é tão importante para o mundo ocidental que quase chega a confundir-se com ele e eis aqui o motivo de o porquê mesmo sendo atea uma pessoa nascida no Ocidente está imersa numa cultura cristã e, certamente conhecerá personagens como Deus, Diabo, Madalena, Judas e tantos outros mais.

Na esteira dos entendimentos de Kuschel, Ferraz e Magalhães, atualmente podemos afirmar que a teopoética vai analisar a Bíblia do ponto de vista literário, reconstruindo por meio de palimpsestos episódios do Novo Testamento, tendo a Bíblia como texto

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no ano de 2005. Possui Mestrado em Literatura pela UFSC (2017). É Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura (PPGLit) na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, com ênfase na área de Textualidades Híbridas. É pesquisadora do NUTEL - Núcleo de Estudos comparados entre Teologia e Literatura. Bolsista CAPES. E-mail: patyleonormartins@gmail.com.

base, texto histórico, talvez, não menos teológico que o texto base. A teopoética começou com a análise, pelo viés da justiça, sobre a poética de Deus, porém, na realidade ela traz não só a vida de Jesus no Novo Testamento, ou no Velho Testamento, mas sim as grandes figuras bíblicas, analisando como é que essas personagens saem do Velho Testamento - saga judaica -, e do Novo Testamento - saga cristã.

Nesse sentido, pode-se dizer que agora se estuda essas personagens também para entender como elas saem do texto canônico e vão parar na literatura, no cinema, nos quadrinhos, nas músicas. Para Salma Ferraz (2018), falar da Bíblia como literatura também já é um equívoco, uma vez que ela já é literatura, ela nasce como literatura oral, e por diversas mãos ela vai sendo reescrita, no Novo Testamento, quando surge o Cristianismo, eles já têm um texto em mãos, que é o texto das narrativas orais sobre Jesus, e por volta dos anos 60, 70 d.C. tem-se o texto criado. Então, não há motivo para falar em Bíblia enquanto literatura se ela já nasce como literatura.<sup>2</sup>

Nos estudos sobre essa personagem, vale destacar dois momentos da longa história do diabo, e entender que é necessário estudar a história do diabo a partir de nuances e matizes que essa figura foi assumindo nas ideias religiosas e nas teologias que tentaram sistematizar essas ideias, tanto dentro das Igrejas quanto pra fora, em um processo civilizatório maior.

Em um primeiro momento há a pessoalização dessa figura do diabo e, posteriormente, em uma pessoalização de figura do mal, e não podemos esquecer o seguinte, a cultura é violenta, toda cultura carrega consigo as forças do mal, quer dizer que, dentro de uma concepção de mundo, toda cultura carrega consigo violência. Por isso, por exemplo, em um dos ritos da Bolívia, os índios pedem desculpas à *pachamama*<sup>3</sup> porque vão violentar a terra para plantar, quer dizer, toda cultura carrega uma intromissão, ela violenta este estado natural.

Então, para expressar o que a cultura produz cria-se o imaginário em torno das forças do mal. Uma das mais cativantes foi o Diabo, só que o Diabo tem essa longa história que, segundo Magalhães (2019)<sup>4</sup>:

[...] no primeiro momento expressar uma face do divino, quer dizer, o primeiro momento do diabo é ele ainda divino, ele é uma face de Deus, então a primeira grande aparição do Diabo na história das ideias religiosa, em muitos contextos, é uma aparição sedutora. Nesse sentido, o mal seria a ruptura do coletivo, quer dizer, seria essa atitude egóica, exacerbada [...] eu quero matizar um pouco isso, há momentos em que o coletivo precisa ser transgredido, eu vou usar a imagem do mito do paraíso, o que é o mito do paraíso? Pertencemos ao jardim, tudo está bem se obedecemos a tudo o que Deus determina, não coma, caminhe com deus...ora o Diabo, a figura do mal aponta para esse poder sedutor de dizer “eu não pertenço ao jardim”, eu pertenço à história, eu pertenço ao pó.[...] É interessante na narrativa mítica que o casal é expulso e o texto diz, inclusive no hebraico, que volta ao lugar a que pertence, quer dizer, o humano, em outras palavras, não é para jardins harmônicos, o humano é para a história, para a finitude e morre, por isso que o ato do Eva na narrativa mítica da Bíblia é uma

<sup>2</sup> Fala proferida em discussão na aula da disciplina: Filosofia e Literatura, oferecida no departamento de Pós-Graduação em literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, semestre 2018/2.

<sup>3</sup>Pachamama é a **Deusa da fertilidade** ou a maior Divindade feminina cultuada em diversas culturas – principalmente a Inca -, onde ela teve suas origens na mitologia do mesmo local. Seu nome deriva-se de Quechua, uma antiga língua utilizada pelos povos andinos, anteriores aos Incas. **Pachamama, tem o significado de “Mãe Terra”**.

<sup>4</sup> Fala proferida em no Grupo de Trabalho

ato tão emancipador, porque come do conhecimento do bem e do mal, e o conhecimento do bem e do mal diz “somos mortais”[...].

Magalhães quer dizer que “o coletivo te acolhe, te protege, mas também te domina” e a figura do mal te seduz, te seduz para romper de certa forma, mas também para se inaugurar com pessoa, que significa se inaugurar na finitude. Em outras palavras, Adão e Eva como figuras míticas descobrem que são mortais. Constatam isso, mas no fundo mortais somos todos nós.

Então, uma das primeiras expressões do mal nas histórias religiosas foi seduzir-se o humano para assumir-se na sua radical finitude e sua radical mortalidade. Somos mortais e somos pó. Não pertencemos à jardins, ainda que jardins nos seduzam. Esse é o primeiro momento, como diria Magalhães “momento metafísico”, o Diabo nesse primeiro momento pertence a Deus. É uma dimensão pedagógica do divino, ele não está dissociado.

Não se pode esquecer que não existe processo inquisitorial no mundo da religião que não passe por uma demonização do outro. Os processos inquisitoriais no mundo da religião são sempre processos que colocam o outro que é negado cooptado, perseguido, torturado (...) sempre no lugar de pertencimento da figura ou de representação do mal. Não existe inquisição em que não tenha um Diabo funcionando para o bem de uma teologia, que protege os conversos, e os seus , ainda segundo Magalhães (2019) “ é aí nesse momento que se tem uma outra dimensão da figura do Diabo, que é a absoluta dicotomia e o absoluto dualismo, quer dizer, é um outro momento.”

Assim, compreende-se, na esteira do entendimento de Magalhães, que no primeiro momento o Diabo, como uma figura do mal, faz parte do divino, é um elemento pedagógico do divino e nesse momento das inquisições, das grandes inquisições, a figura do Diabo já é a pessoalização do contra divino, ele passar ser o senhor dos incrédulos, o senhor dos hereges, o senhor do outro, quer dizer, aquele não se converte, ele não pertence mais a Deus, ele pertence às forças do Diabo.

Então, existe nesse momento da história das ideias religiosas uma verdadeira pessoalização das forças do mal, ai você tem a figura do Diabo com a sua identidade demarcada o seu papel dentro desse grande teatro da história, Balthasar trabalhou isso como uma teatrologia<sup>5</sup>, e a figura do Diabo é essa pessoa que tem domínios sobre grupos como judeus não convertidos, mulçumanos que forma expulsos, e o judeu que fica e que é obrigado a se converter, mas ele carrega já o ódio ao mulçumano que foi expulso décadas antes desse processo teológico.

Dessa forma, para Magalhães:

[...] a história do Diabo, história que tem vários momentos de realização, onde no início o Diabo é divino, poderia dizer que nesse momento “o Diabo é bom”, o Diabo é sedutor, o Diabo aponta para aquilo que tu pode ser, aquilo que tu és em tua condição humana. Ele não tanto aterroriza, ele te conduz a novas possibilidades da tua condição humana, ele te faz reconhecer que tu és mortal, passageiro e finito. Em outro momento nas histórias das religiões, por vários motivos, você tem o estabelecimento de uma dicotomia radical, e nessa

---

<sup>5</sup> Para aprofundamento na questão consultar: Balthasar H. U. von, *Theodramatik*, I–IV, Einsiedeln 1973–1983.

dicotomia radial, o outro, o inimigo, o herege, o incrédulo, que no fundo ele não é mais filho de Deus, ele é filho do Diabo. O Diabo é o seu senhor, e aí você tem um outro momento da dicotomia, um ápice da herança dicotômica que está aí marcando a história do Cristianismo, e parte do judaísmo.

Sendo assim, podemos pensar na contra música, por exemplo, tem a música e tem a dissonância, a dissonância no primeiro momento assusta e intimida, mas dissonância é a outra música, é a possibilidade de ouvirmos diferente, porque o excesso de harmonia também aponta para uma possibilidade da música, mas não pode ser toda a música, porque a ela também poder ser dissonante e o dissonante pode dizer muito do que somos... essa ambiguidade que está aí nesse movimento do universo mítico, quer dizer “deveríamos levar em consideração que aí temos o movimento de nuances e matisés” e não tanto de dicotomia. Que já temos no caso da teologia cristã do século XVI, XVII.

Se pensarmos a figura do Diabo enquanto personagem literária, é possível concordar com o pensamento de vários estudiosos, os quais definem a figura do Diabo como imprescindível à literatura, pois é dele que se originam grandes enredos literários. Já que também é ele a personagem que traduz os dilemas e desejos ínfimos da natureza humana.

Portanto, estudar a figura de do Diabo na literatura possibilita compreender a existência dos homens a partir de suas relações, uma vez que a imagem que temos dele é tão heterogênea quanto nossas próprias personalidades. Essa afinidade é retratada por Dostoievski, em *Os Irmãos Karamázov* (1880), quando Ivan decreta que o homem criou o Diabo à sua imagem e semelhança. Demonstrando que ao ser conduzido à literatura mundial, para diferentes contextos histórico-sociais, a personagem do Diabo ganha vida e assume atitudes e interesses alheios à imagem criada pela Igreja e acaba por mostrar aos leitores um novo olhar sobre a condição de estar no mundo. Pode-se dizer que, no plano literário, existe uma intrínseca relação entre o que é considerado humano e diabólico.

### **Lúcifer, Diabo, Demônio, Satã ou Satanás?**

Dentro dessa gama da teopoética tem-se Lúcifer, ou o Diabo, Demônio, Satanás, Satã, e tantas outras denominações dadas a essa personagem, que seria o símbolo do mal, a qual sempre esteve presente na cultura, na memória e nas narrativas ocidentais, seja em textos sagrados como a Bíblia ou em textos literários das mais variadas naturezas. Uma das personalidades mais inquietantes, apresentando-se como a *caixa de pandora*, ou seja, ela se oferece à teologia e às especulações da literatura, como uma arca inesgotável de tesouros. Que Ser é esse? Que Anjo é esse? Por que caiu? Anjo caído tem salvação? Essas perguntas nos remetem às perguntas “para onde vim?”, “para onde vou?”.

Na *caixa de pandora* já mergulharam, só a título de exemplo, escritores como: Dante Alighieri, que com *A Divina Comédia* desenha à sua maneira o Diabo; Milton, em *O Paraíso Perdido*, o pinta de outra forma. Diferente será também o desenho do Diabo em *Fausto*, de Goethe; ou *Litanias de Satanás*, de Baudelaire; o mesmo se dará na obra de Shakespeare; de Thomas Mann; Paul Valéry; Walter Scott; Allan Poe; Gil Vicente;

Fernando Pessoa; Saramago; Christopher Marlowe; Clive Staples Lewis. Bem como em Eça de Queiroz; Guimarães Rosa; Machado de Assis; Álvares de Azevedo; Ariano Suassuna; Franklin Joaquim Cascaes.

Assim, autores das mais variadas épocas trataram de utilizar a personagem do Diabo em suas obras, bem como se utilizam das questões que envolvem a crença e a descrença no Cristianismo. No leste europeu o Diabo também fez sucesso, especialmente na Rússia. O Diabo também estendeu as suas garras. Vários autores russos se utilizaram dessa personagem para construir seus imaginários literários, como: Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski; Liev Nikoláievich Tolstói; Leonid Nicolaevitch Andreiev; Mikhail Afanásievitch Bulgákov. Portanto, na língua russa o ser de papel faz sucesso, tanto que podemos dizer que o *Diabo também fala russo*.<sup>6</sup>

Salma Ferraz (2012), em *As Malasartes de Lúcifer*, aponta algumas reflexões entorno “do brilho luciferino da Estrela da Manhã na Teologia, na Literatura, [...]”. Na qual, apresenta-nos uma série de artigos que demonstram a dualidade entre Deus e o Diabo.

[...] se os estudos teológicos e literários dão conta de uma Teopoética que se manifesta em vários autores, conforme o proposto por Karl-Josef Kuschel, em seu livro *Os Escritores e as Escrituras* (1999); se a Teodiceia (do grego θεός - theós, "Deus", e δίκη - díkē, —Justiça) foi proposta pelo alemão Gottfried Leibniz em 1710, tentando entender o paradoxo da coexistência de um Deus Todo Poderoso e o mal; se a epopeia de Jesus já foi centenas de vezes revisitada, quem afinal contou a epopeia ou a antiépica de Lúcifer, ou aquilo que denominamos antiteodiceia de Lúcifer, ou odisseia luciferina, ou a Sataniceia? Porque se Deus, conforme tão bem apontou Jack Miles em *Deus: uma biografia* (1997) é um membro quase virtual da família ocidental e está impregnado no DNA da civilização ocidental, o que dizer do Diabo, de Lúcifer? Afinal, a outra face da moeda deveria acompanhar o sucesso Daquele! Como o homem ocidental consegue equilibrar-se entre a hipótese Deus e a hipótese Lúcifer? Será que somente a estória de Troia, de Ulisses e de Jesus são o suficiente para a humanidade, conforme lembrou Borges? E a magnífica trajetória de Lúcifer, onde fica? Talvez ele esteja mais próximo do ser humano do que qualquer pessoa da Trindade, justamente por ter sido demasiadamente humano (FERRAZ, 2012, p. 15-16).

O Diabo, além de uma excepcional personagem da literatura, sendo talvez uma das mais importantes do texto bíblico e do Cristianismo, em muitos grupos religiosos é responsabilizado por todo o mal presente no mundo. O imaginário religioso atribui-o muitas imagens e personificações. O livro *O Diabo no Imaginário Cristão*, de Carlos Roberto Nogueira, nos fornece o panorama histórico necessário para compreendermos a estrutura da figura do Diabo. De acordo com Nogueira (1986), na antiguidade não se tem registro de alguma figura que pudesse correlatamente representar o mal. Tratando-

<sup>6</sup> A Revista Teoliterária publicou um dossiê temático sobre a Teologia e Literatura Russa. Volume 8, n. 16 (2018) **Teologia e Literatura Russa**. Nele podemos encontrar diversas abordagens sobre a presença do diabo na literatura. Nesse dossiê publiquei na seção temática artigo intitulado *O Mestre e Margarida de Mikhail Bulgákov: Um Diabo Russo*, no qual abordo o Diabo russo a partir do olhar do humor. Para consultar: <https://revistas.pucsp.br/teoliteraria/article/view/39390>. Acesso em: 14 de out. 2019. Recentemente, publiquei artigo intitulado *A conversão do diabo: de discípulo a mestre*, na revista Guavira Letras, que apresenta uma leitura da personagem do diabo na obra *A Conversão do Diabo*, de Leonid Andreiev. Artigo que pode ser conferido em: Guavira Letras, v. 15, nº 39, 2019. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/791>. Acessado em: 14 de out. 2019. Também estudo no âmbito do meu doutorado a personagem do diabo na obra *O Mestre e Margarida*, de Mikhail Bulgákov. O texto ora apresentado, faz parte, parcialmente, da construção da minha tese, que se encontra qualificada.

se de textos bíblicos, no Antigo Testamento a única contribuição que se tem à personificação do mal se encontra no *Livro de Jó*. O Anjo “Satã” – que significa aquele que acusa ou que calunia - levanta a suspeita perante o Senhor de que um de seus servos seria fiel por interesse. A partir do Novo Testamento, passa-se a se evidenciar a existência de um ser como símbolo do mal. É quando surge o termo *Diabo*, do grego *Diabolos*, que significa aquele que leva o juízo. Neste sentido, a passagem de Jesus no deserto sendo tentado pelo Diabo é uma das que mais contribuíram para formação desta personificação do mal.

Durante a Idade Média surgiram uma série de textos não canônicos, os quais tratavam das Legiões de Demônios e do Apocalipse. A escrita sobre o Diabo passou a ser escrita pelos pensadores da Igreja Católica como Eusébio, Cipriano e Tertuliano. Tem-se então a Institucionalização do Diabo (NOGUEIRA, 1986). É neste período que surgirá a leitura da Serpente como um dos disfarces do Diabo. O Diabo, então, passa a ser culpado pela Igreja por todas as desgraças, promovendo o medo; ele teve sua imagem associada ao mal, fato que ainda é presente na contemporaneidade. No entanto, a excessiva evidenciação da figura do Diabo faz com que ele cresça mais e mais no imaginário coletivo, transformando-o em uma figura maligna. Conquanto, essa construção foi fundamental para muitos autores, os quais abraçaram a personagem das mais variadas formas e a foram moldando, cada uma a seu criador, e enriquecendo a literatura mundial.

Giovanni Papini (1953), em sua obra *O Diabo: apontamentos para uma futura diabolologia*, denominou o Diabo de “segundogênito do Pai” e Salma Ferraz (2012), em sua obra *As Malasartes de Lúcifer*, nomeou de “a antidisséia de Lúcifer, antiépica de Lúcifer, antiteodicéia de Lúcifer, Odisseia Luciferina ou Sataniceia.” Em sua obra, Papini vai afirmar a necessidade de que conheçamos as informações, sobretudo, bíblicas, mas também extrabíblicas, sobre o Diabo. Ainda segundo o autor, há impasses na relação do Diabo x Cristianismo, para ele: os teólogos deveriam estudar Deus e se envergonhar de suas ideias esdrúxulas sobre o Diabo, investigando as teorias acerca de sua origem e natureza, da rebelião e seus motivos; que coube aos poetas a admiração ao antagonista; como o Diabo figura na Literatura; como outras tradições religiosas veem o Diabo que é pouco conhecido, apesar de onipresente, ora negado, ora adorado, ora temido, ora decantado, vilipendiado, mais popular que realmente compreendido. Para Papini (1953), o cristão não pode e não deve cultivar a rebeldia e o mal no Diabo, mas é preciso compreendê-lo como a criatura mais infeliz de toda a Criação; que se o mal não existisse, não existiriam santos e, nesse sentido, pode-se afirmar que o Diabo é, por vontade divina, um coadjutor de Deus; que o Diabo foi o primeiro a reconhecer o caráter crístico de Jesus, antes de qualquer de seus discípulos e antes mesmo de que o próprio Nazareno tivesse proclamado sua divindade etc. (PAPINI, 1953).

Segundo Salma Ferraz (2019, p. 2), Papini “adjetiva Lúcifer de Anjo Fulminante e constrói uma espécie de Summa Diabológica. Para Papini, o Diabo merece ser perdoado, foi uma personagem necessária à paixão de Jesus, sendo, nesta tragédia, talvez o único inocente.” Papini (1953), no capítulo intitulado *O diabo irmão do verbo*, vai analisar a obra apologética – *Dininae Institutiones, II, 9*, na qual demonstra que Lactancio aponta Lúcifer como nada menos que o irmão do Logos, do verbo, isto é, da

Segunda Pessoa da Trindade, que Lúcifer dominado pela inveja passou “do bem ao mal...”:

No Espírito primogênito, cumulado de todas as virtudes divinas e que Deus amou sobre todos os outros, é fácil reconhecer o Verbo, isto é, o Filho por excelência. Mas a narrativa de Lactancio faz pensar que o outro espírito, igualmente dotado, era o secundogênito do Pai: o futuro Satã, seria destarte nada menos que o irmão mais novo do futuro Jesus Cristo. E Satã não teria sido invejoso do homem – como sustentaram S. Cipriano, S. Ireneu e S. Gregório de Nissa –, mas invejoso sim do próprio irmão. O ciúme de Cain para com Abel teria sido prefigurado no céu, ao princípio dos tempos, pelo de Lúcifer para com Logos (PAPINI, 1954, p. 93-94).

É certo que há muita contradição e especulação acerca da personagem do Diabo nas escrituras, e é justamente essas especulações que os escritores se lançam em busca da personagem do Diabo em suas obras literárias. Teria sido ele um bom Diabo ou um ser realmente do mal? Talvez essa seja uma pergunta sem resposta, a qual a imaginação de cada escritor é que vai criar uma possibilidade de resposta.

Sobre a teoria da Trindade Diabólica de Papini, assim consta em Pfützenreuter (2014, p. 133):

Sendo então o Diabo um imitador de Deus, Papini (s.d., p. 35) também o reconhece como uma entidade que se manifesta em três pessoas distintas, uma cópia adaptada daquilo que os cristãos reconhecem como a Santíssima Trindade. Assim, o Diabo se manifesta: como Rebelde, a criatura que quer substituir o criador; como Tentador, que convida os homens a imitar Deus, tal qual aparece para Jesus nos Evangelhos; e como Colaborador, o qual, com o consentimento divino, responsabiliza-se por atormentar os homens na Terra e no Inferno. É sob este aspecto que o Diabo se converte no avesso da terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo ou o Consolador.

Portanto, para Papini (1953, p. 35), em verdade, as três pessoas da trindade diabólica seriam as três pessoas da trindade divina invertida “o Pai cria e Satã destrói; o Filho resgata e Satã escraviza; o Espírito Santo ilumina e consola, ao passo que Satã entenebrece e tortura”. Nesse sentido, Papini parece entender que o Diabo faz é um papel que lhe é reservado.

O professor emérito da Universidade da Califórnia, Henry Ansgar Kelly, em seu livro *Satã – Uma Biografia*, publicado em 2008, coteja as pericopes bíblicas em que o Diabo aparece com as representações que teve na teologia, literatura ou em outras formas de arte. Satã tornou-se uma das figuras centrais do Cristianismo, para Kelly (2008), Satã possuía uma biografia original, bíblica, que não o colocava como inimigo, mas sim como um subordinado de Deus. Nesse sentido, cabe uma sintetização de Henry Ansgar Kelly, em *Satã: uma biografia* (2008, p. 365-366, destaque do autor):

Entre os estudiosos da Bíblia aceita-se de maneira geral que os satãs de Jó e de Zacarias são espécies de funcionários públicos do Tribunal Divino. Mas tal sentimento não inclui o Satã do Novo Testamento. Ao contrário, assume-se que ele é visto como “maléfico” de tal modo que a figura em Jó não é; e que ele é, de fato, um inimigo de Deus assim como do homem, um tipo de Malfeitor Cósmico.

Para Kelly (2008), a Bíblia revela que o demônio era uma espécie de “empregado de Deus”, uma entidade moralmente correta, pois seu papel era de observar, perseguir e para assim acusar os verdadeiros pecadores. Para o autor, no século 2, os pais da Igreja ao interpretarem o episódio bíblico de Adão e Eva no jardim do Éden, associaram-no à imagem da serpente, transformando-o assim em inimigo de Deus. Parece-nos que o autor tinha uma proposta de visão menos maniqueísta do Diabo, que estaria mais em sintonia com o conceito de “mal” observado em algumas religiões como o budismo e o hinduísmo.

No último capítulo do livro *Uma História do Diabo – Séculos XII a XX*, de Robert Muchembled (2001), o autor nos oferece o que ele chamou de “fio vermelho” da obra, que, curiosamente, a crença em poderes demoníacos provenientes do próprio Diabo, sempre terá estado mais intrinsecamente estabelecida no seio das chamadas classes superiores e em menor escala ao nível das classes mais baixas.

O autor parte de forma inversa à cultura, “indo do presente para remontar o fluxo até a sua fonte, que foi em descoberta do diabo.” Segundo o autor, “para compreender o lugar que ele (o Diabo) tem atualmente em nosso universo mental, em nosso imaginário, em que sentido as representações introjetadas por um indivíduo influem em suas ações, precisávamos encontrar todas as suas pegadas” (MUCHEMBLED, 2001, p. 341).

O que Robert Muchembled faz é mostrar-nos um Diabo visto como instrumento de controle e poder da Igreja, como forma de manter fiéis e eliminar de modo legítimo os denominados hereges. Livrar-se do mal pelo mal – era a prática comum daqueles tenebrosos tempos. Muchembled (2001) destaca que, no primeiro milênio cristão, o Diabo era uma figura difusa, dissolvida no politeísmo popular e, portanto, sem poder de persuasão sobre as massas. No entanto, o Diabo resiste na sociedade por meio de uma série de arquétipos literários com grande peso cultural, contudo, a crença no Ser ou Seres sobrenaturais vocacionados para a prática do mal, não encontra raízes profundas nesta Europa progressista, no entanto, segundo o autor, o contraponto europeu é o exemplo americano com as suas práticas e crenças conservadoras em que parece sobressair o conceito de povo escolhido por Deus, destinado em derrotar o mal. Robert Muchembled (2001) situa a figura do Diabo como motor de regressões e progressões nas sociedades europeia e americana ao longo dos séculos.

Todavia, seria de se esperar que a vasta fortuna crítica, construída ao longo dos séculos, sobre a personagem do Diabo, com autores vivenciando distintas realidades sociais, haveria lapsos de coerência entre a obra tida como palavra inspiradora, a Bíblia. Não obstante, as Escrituras permanecem como uma das mais antigas fontes de literatura.

Para Albert Cousté (1996), em seu livro *Biografia do Diabo: o Diabo como sombra de Deus na História*, afirma que, no século XIX e no século XX, Satanás como personagem literário foi sua maior estratégia, sua grande obra para sobreviver, “é converte-se em personagem de ficção e convencer-nos de que ele não existe, como já afirmava Baudelaire.” (PFÜTZENREUTER, 2014, p. 134).

Contudo, não tenho pretensão de fazer uma biografia do diabo, porque o espaço aqui não seria suficiente já que hoje temos uma fortuna crítica do diabo abundante. Uma vez que isso seria improdutivo, pois grandes estudiosos já o fizeram, nesse sentido remete-se ao leitor às principais biografias, levadas a cabo, sobre o Diabo que dentre eles estão:

Salma Ferraz, que fez estudo sobre as origens de Lúcifer, a ausência da figura do Demônio no Primeiro Testamento, sua ínfima participação no sofrimento e tentação de Jó, sua evolução para o Diabo poderoso do Novo Testamento, o Diabo entre os teólogos, o Diabo entre os críticos, o Diabo como magnífica personagem da Literatura Ocidental e a transformação dele em mero ser de papel, inesgotável baú a ser explorado, que pode ser conferido nos livros *As Malasartes e Lúcifer* (2012) e *O Demoníaco na Literatura* (et al. 2012). Pfützenreuter (2014) também nos brinda com uma tese sobre a presença do Diabo na literatura infantil, na qual ele aponta que “A literatura infantil dos séculos XX e XXI também aborda o Diabo como personagem, tal qual ocorre em obras nacionais como; *O Diabo na noite de Natal*, de Osman Lins (2005); *De Morte*, de Ângela Lago (1992); *Belzebu.com*, de Luís Fernando Veríssimo (2005).” (PFÜTZENREUTER, 2014, p. 287). Bem como na literatura mundial com *Os Contos de Grimm*, dos Irmãos Grimm.

As aventuras literárias do Diabo ultrapassam a questão das línguas, invade o imaginário do leitor, pois o ser humano busca na literatura o prazer e o entretenimento. Os escritores perceberam como a personagem mitificada de Lúcifer pode envolver e promover uma construção de sentidos por meio de uma plurissignificação. Encerro com o que afirma Ferraz (2019, p. 3): “as travessias, as travessuras e agruras de Lúcifer na Teologia, na Literatura, no Sertão, no Rock, no Cordel, no Cinema, do Ser que tem uma triste nostalgia do céu” não há respostas para as infinitas perguntas e questionamentos a cerca dessa personagem mitificada, nós somos apenas “Riobaldos liliputianos tentando encontrar veredas neste ser tão...”

## Bibliografia

- BULGÁKOV, Mikhail. **O Mestre e Margarida**. Tradução Irineu Franco Perpetuo. São Paulo: Editora 34, 2017 (1ª edição).
- COUSTÉ, Alberto. **Biografia do diabo: o diabo como a sombra de Deus na história**. Tradução de Luca Albuquerque. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1996.
- FERRAZ, Salma. (Org.) **As Malasartes de Lúcifer: Textos críticos de Teologia e Literatura**. Londrina: EDUEL, 2012.
- FERRAZ, Salma. MAGALHÃES, A. C. de M.; BRANDÃO, E.; LEOPOLDO, R.N. (Org.). **O Demoníaco na Literatura**. Campina Grande: EDUEPE, 2012.
- FERRAZ, Salma. O Rebelde, o fóssil teológico mais famoso do ocidente completa dois mil anos de existência. **Revista Guavira Letras - Dossiê: O Diabo na Literatura Ocidental**. V. 15, nº 39. 2019. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/825/549>. Acessado em: 14 de out. 2019.
- FERRAZ, Salma. O Diabo na Máquina de Brincar. In: **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 27, n. 3, p. 376-392, jul./set. 2017.
- KELLY, Henry Ansgar. **Satã: uma biografia**. São Paulo: Globo, 2008.
- KUSCHEL, Karl-Josef. **Os escritores e as escrituras: retratos teológicos literários**. Trad. Paulo Astor Soethe, Maurício Cardoso, Elvira Horstmeyer, Ana Lúcia Welters. São Paulo: Loyola, 1999
- MARTINS, Patrícia Leonor. O Mestre e Margarida de Mikhail Bulgákov: Um Diabo Russo. **Revista Teoliterária**. v. 8, n. 16 (2018) p. 203-230.

- MARTINS, Patrícia Leonor. A Conversão do Diabo, de Leonid Andreiev. **Revista Guavira Letras** - Dossiê: O Diabo na Literatura Ocidental. V. 15, nº 39 (2019) p. 66-81. Disponível em:  
<http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/791>. Acessado em: 14 out. 2019.
- MUCHEMBLED, Robert. **Uma História do Diabo: século XII-XX**. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.
- NERY, AA. Primórdios do mito Faústico: o Faustbuch e o Fausto de Christopher Marlowe. *In: MAGALHÃES, ACM., et al., (orgs). O demoníaco na literatura* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012. pp. 47-61. ISBN 978-85-7879-188-9.  
Available from SciELO Books.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão**. São Paulo, Editora Ática, 1986.
- PAPINI, Giovanni. **O Diabo: apontamentos para uma futura diabolologia**. Trad. Fernando Amado. Lisboa: Livros do Brasil, 1953.
- PFUTZENREUTER, Filipe Marchioro. **Entre o utilitário-pedagógico e o poético-emancipatório: O Diabo dos Irmãos Grimm e suas projeções sobre o leitor**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2014. Disponível em:  
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/129355/332276.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 out. 2019.